

Com valorização cambial, 1/3 dos exportadores já sofrem perdas

Sem a queda do dólar, em 3 anos rentabilidade teria crescido 19% devido a elevação dos preços internacionais

Introdução

Com o arrocho econômico empreendido pela política monetária do governo Lula, a expansão das exportações tornou-se um verdadeiro trunfo para os *policy makers* brasileiros. De fato, desde 2003, as vendas externas do País cresceram a uma espantosa taxa de 23,54% ao ano, contra a média histórica de 7,4% do período 1947-2002. Com esses números em mãos, os defensores da atual política de comércio exterior têm deixado a falsa impressão na opinião pública de que tudo corre bem com as exportações brasileiras, a despeito da crescente valorização do real frente ao dólar.

Entre os empresários, no entanto, é crescente a percepção de que o fôlego da atividade exportadora brasileira diminui rapidamente, a tal ponto que o mercado interno, em muitos casos, se apresenta como uma oportunidade mais lucrativa que o mercado externo – numa lembrança dos velhos tempos de economia fechada no Brasil.

Assim, atrás dos bons números das exportações brasileiras *medidas em dólares*, existe todo um universo de setores econômicos que amargam *perdas em reais*, numa crescente deterioração da rentabilidade das vendas externas do Brasil. Nesse contexto, o presente estudo pretende verificar a extensão dos danos infligidos pela queda do dólar por meio de indicadores de rentabilidade das exportações.

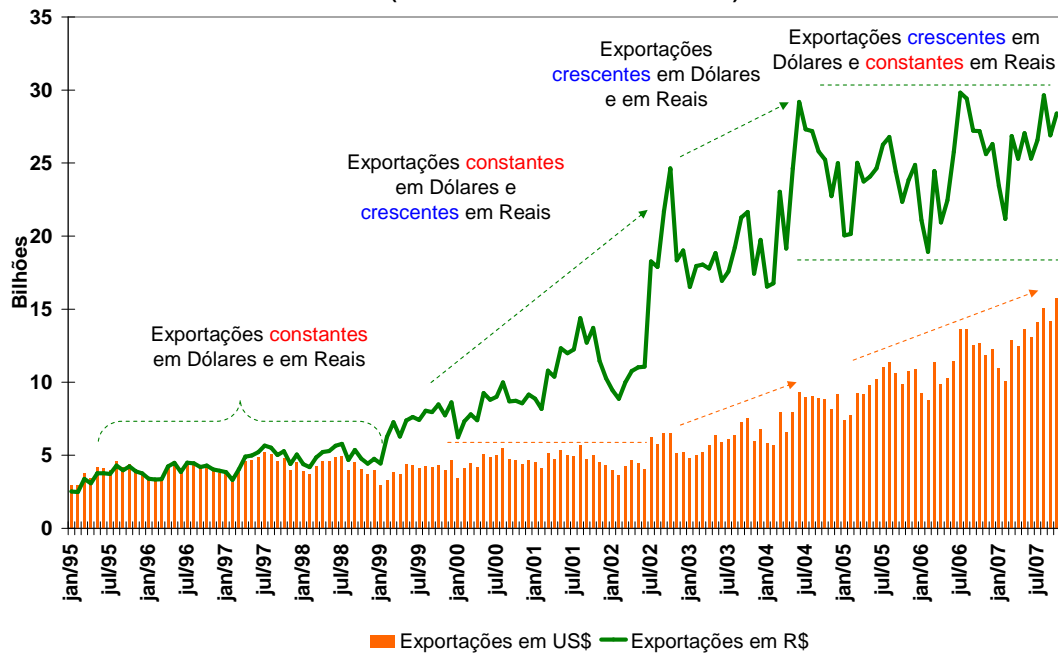
1. As fases das exportações brasileiras

Desde o início do Plano Real, as exportações brasileiras vivenciaram quatro fases distintas. A primeira, compreendida entre janeiro de 1995 e dezembro de 1998, foi marcada pela estagnação das exportações medidas em dólares e em reais. De fato, nesse período as exportações cresceram apenas 9,9%, saindo de US\$ 46,5 bilhões, em 1995 para US\$ 51,1 em 1998 – uma taxa de variação praticamente igual à inflação em dólares no período, em torno de 5,2%¹. Em linhas gerais, esse resultado pode ser creditado à política de câmbio fixo valorizado, que no conjunto da política macroeconômica se destinava mais ao combate inflacionário do que à promoção das exportações.

A segunda fase, iniciada com a maxi-cambial de janeiro de 1999 e terminada em janeiro de 2002, é marcada pela transição entre a fase de estagnação e a fase de expansão das vendas externas. Na fase de transição, ocorre um descolamento das exportações medidas em reais daquelas medidas em dólares. Com a maxi-cambial, a taxa de câmbio saiu de R\$ 1,20 em dezembro de 1998 para R\$ 2,37 em janeiro de 2002, de tal forma que as exportações mensais, medidas em reais, saíram de R\$ 4,7 bilhões para R\$ 9,4 bilhões no mesmo período. As receitas em dólares, no entanto, mantiveram-se estáveis ao redor de US\$ 3,9 bilhões ao mês.

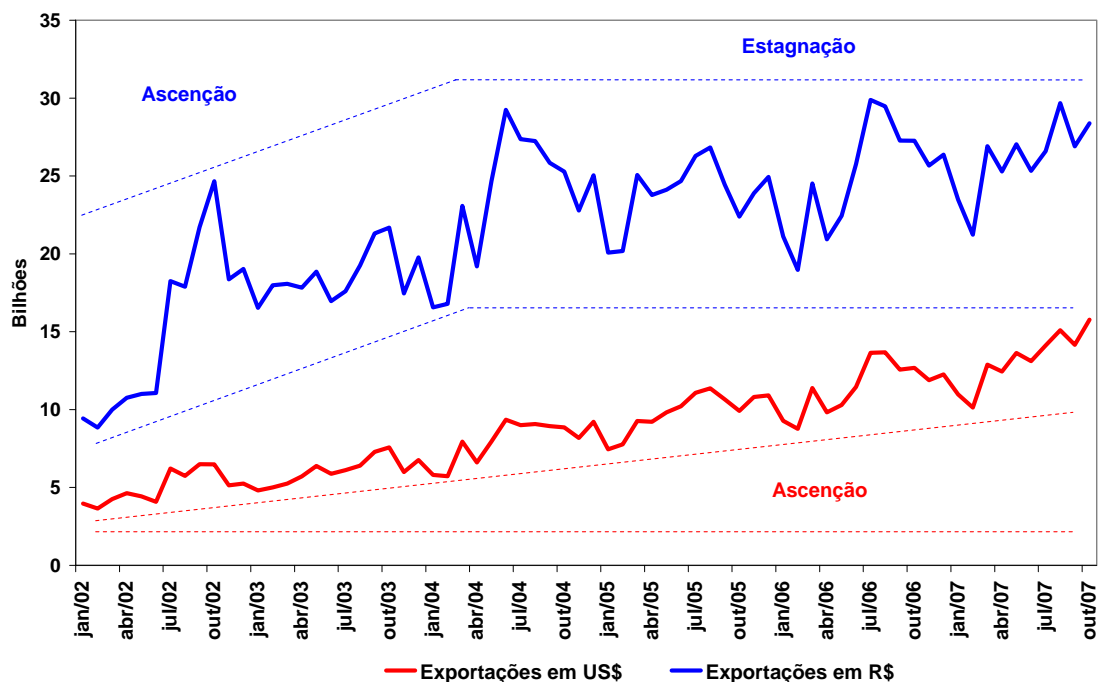
¹ Consumer Prices Index (CPI), Estados Unidos, 1982-84=100.

Exportações Brasileiras Mensais em Dólares e em Reais
(Janeiro de 1995 a Outubro de 2007)



A terceira fase iniciou-se em janeiro de 2002 e terminou em, aproximadamente, junho de 2004. Nesses trinta meses, as exportações em reais, que vinham crescendo desde janeiro de 1999, foram acompanhadas por um aumento substancial das exportações em dólares, rompendo com o período de estagnação das duas fases anteriores. Este foi o período de maior prosperidade das exportações brasileiras: as vendas mensais, medidas em reais, aumentaram 209,0% contra 135,0% de elevação das vendas mensais medidas em dólares. A taxa de câmbio verificou uma desvalorização de 32,0% no período, saindo de R\$ 2,37 para R\$ 3,12 por dólar.

Exportações Brasileiras em Dólares e em Reais
Janeiro de 2002 à Outubro de 2007



A quarta e última fase iniciou-se, aproximadamente, em junho de 2004 e vigora até hoje. Nesses 42 meses, a taxa de câmbio apreciou nada menos do que 42,3%, saindo de R\$ 3,12 em junho para R\$ 1,801 por dólar em novembro de 2007².

É justamente nessa fase em que se as exportações passam a apresentar sinais contraditórios. Enquanto as receitas em dólares crescem progressivamente, batendo recordes a cada mês, as receitas em reais apresentam um quadro geral de estagnação, oscilando no mesmo patamar há cerca de 3 anos e meio.

Os dados de outubro corroboram essa afirmação. As exportações brasileiras, medidas em dólares, bateram recordes no mês analisado, chegando a US\$ 15,76 bilhões. As receitas em reais, por outro lado, foram inferiores as exportações de 42 meses atrás, em junho de 2004, quando atingiram R\$ 29,24 bilhões. Ocorre que, para produzir esse volume de reais, foram necessários cerca de US\$ 9,34 bilhões em exportações naquela ocasião.

Em outras palavras, isso significa que, para o exportador, o recorde de US\$ 15,7 bilhões obtidos em outubro representa o mesmo que os US\$ 9,3 bilhões exportados 42 meses atrás com o câmbio de R\$ 3,12. Assim, enquanto as receitas em reais mantiveram-se estagnadas³, em dólares houve um crescimento de 69,1% no período analisado.

2. Determinantes do Desempenho Exportador

Entre 1996 e 1998, período durante o qual vigorou o regime de câmbio fixo, o aumento do *quantum* exportado foi o responsável pelo crescimento das receitas em exportação, tendo que compensar, inclusive, a queda dos preços internacionais medidos em dólares. Entre novembro de 1997 e outubro de 1998, por exemplo, o *quantum* exportado cresceu 10,5%, enquanto os preços internacionais caíram 9,9%.

No período subsequente, entre novembro de 1998 e outubro de 2002, ocorreram sucessivas depreciações na moeda brasileira em relação ao dólar, que saiu de R\$ 1,15 para R\$ 2,73 por dólar, perfazendo uma desvalorização de 137,4%. Nesse período, a receita dos exportadores foi determinada, fundamentalmente, pela maxicambial, ao passo que o *quantum* e os preços em dólares contribuíram negativamente para a expansão da receita dos exportadores.

De fato, durante os dois mandatos do Presidente Fernando Henrique Cardoso os preços internacionais acumularam uma queda de 16%, reflexo das turbulências financeiras internacionais que marcaram o período. No governo do Presidente Lula, em contraposição, as exportações beneficiaram de uma excelente conjuntura internacional, na qual os preços internacionais tiveram alta acumulada de 69,3%.

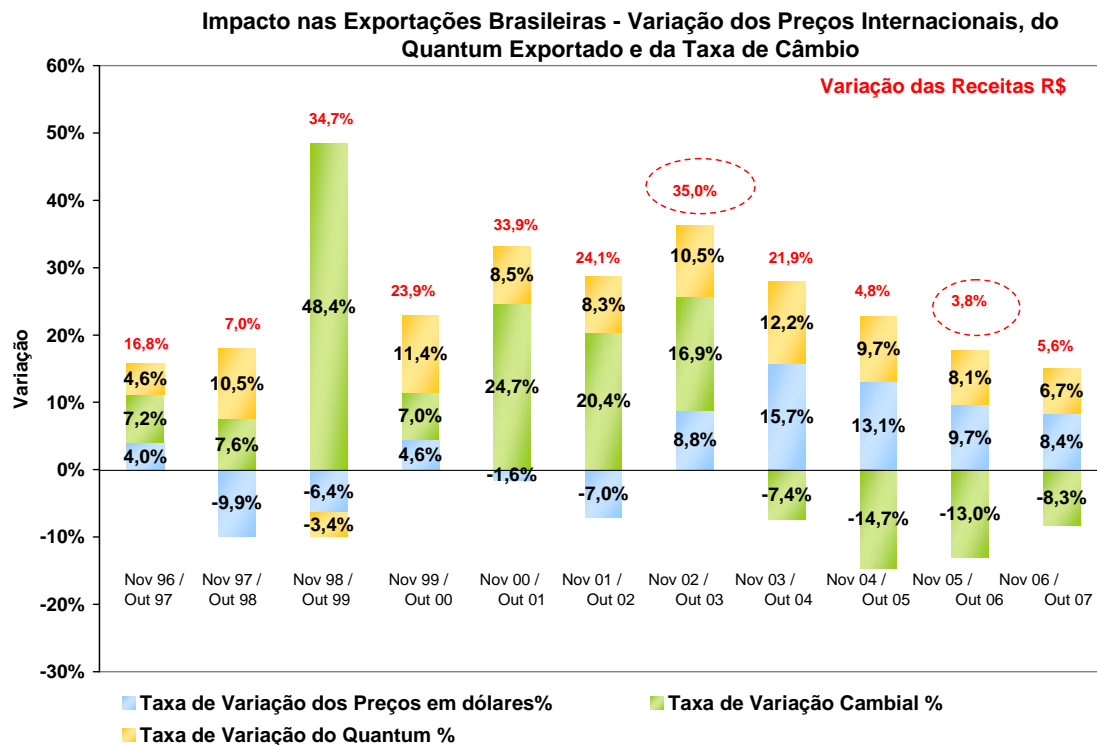
Entre 2003 e fins de 2007 os preços internacionais só fizeram crescer. Entre novembro de 2003 e outubro de 2004, o aumento foi de 15,7% e, no acumulado do ano seguinte, novo aumento de 13,1%. Em 2006, a inflação dos preços internacionais foi de 9,7% e, no acumulado de 12 meses até outubro de 2007, de cerca de 8,4%.

A taxa de câmbio, no entanto, percorreu a trajetória inversa dos preços internacionais, uma vez que, a partir de 2003, valorizou-se ininterruptamente: 7,4% entre 2003 e 2004, 14,7% entre 2004 e 2005, 13,0% entre 2005 e 2006 e, 8,3% entre novembro de 2006 e outubro de 2007. No acumulado de janeiro de 2003 até novembro de 2007, o

² Cotação de 28 de novembro de 2007.

³ Na realidade, trata-se mesmo de uma ligeira queda, da ordem de 2,95%.

Real ganhou cerca de 47% em relação ao dólar, anulando os benefícios da alta dos preços internacionais para o exportador⁴.



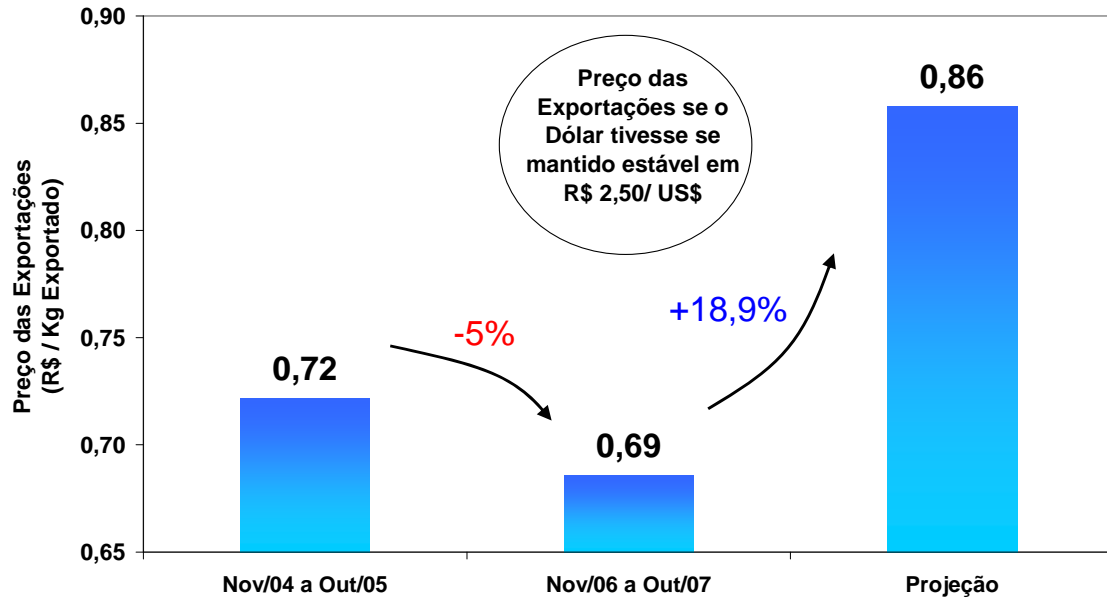
Em abril de 2004, os preços das exportações medidos em reais atingiram seu ápice. Por conta da valorização cambial, desde então a rentabilidade dos exportadores vem apresentando contínua deterioração, só não sendo mais intensa devido a elevação dos preços medidos em dólares.

Em um exercício de simulação, calcula-se que, se a taxa de câmbio tivesse se mantido estável ao redor de R\$ 2,50⁵, hoje o exportador brasileiro teria se beneficiado de um aumento de 18% no preço em reais de seus produtos em 36 meses, ao invés da queda de 5% do preço das exportações em reais. Nesse cenário, é provável que, hoje, a taxa de expansão das exportações teria se mantido ao redor de 22%, e não nos atuais 16% ao ano.

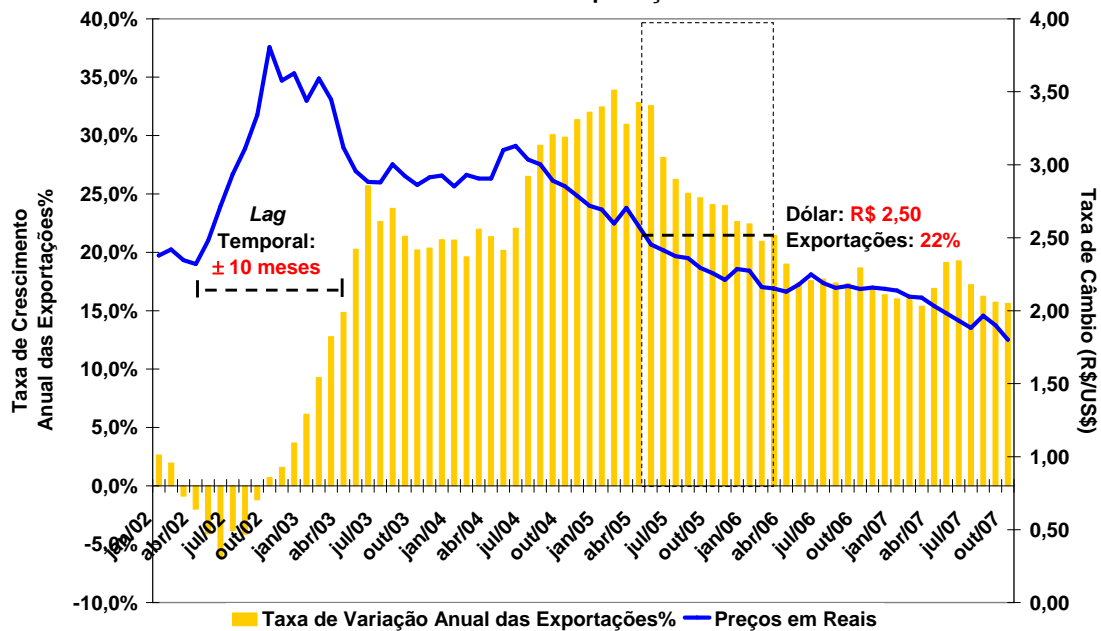
⁴ Pode parecer estranho, à primeira vista, que uma alta de 69,3% dos preços internacionais tenha sido anulada por uma queda de 47% na cotação do dólar, uma vez que, intuitivamente, haveria um ganho no preço em reais do produto exportado. Contudo, por uma razão de natureza matemática, as variações negativas tem influência maior que as variações positivas. Veja o seguinte exemplo. Suponha que, no primeiro ano, o preço de um determinado produto seja US\$ 1,00 e a taxa de câmbio R\$ 2,00 por dólar, de modo que o preço para o exportador seja R\$ 2,00. Suponha, também, que, após vários anos, o preço internacional do produto tenha subido para US\$ 1,50 (alta de 50%) e a taxa de câmbio caído para R\$ 1,0 por dólar (queda de 50%). Nesse caso, embora as taxas de variação sejam idênticas em magnitude (ambas de 50%), elas não se compensam mutuamente, uma vez que o preço do produto, em moeda nacional, vai para R\$ 1,5 – o que representa uma queda de 25%. Esse mesmo efeito ocorre com os preços internacionais *vis a vis* a valorização cambial, de tal modo que mesmo uma elevação dos preços internacionais de 69,3% é insuficiente para compensar uma queda de 47% no dólar.

⁵ Taxa de câmbio média (ponderada) no período compreendido entre os meses de novembro de 2004 e outubro de 2005.

Preço Médio das Exportações Brasileiras em Reais e Projeção de Rentabilidade se o Dólar tivesse se mantido Estável em R\$ 2,50/ US\$



Taxa de Câmbio (R\$/US\$) e Crescimento Anual das Exportações Brasileiras



Ou seja, em um cenário de elevação continuada dos preços internacionais, o aumento da rentabilidade do setor exportador não depende de uma persistente depreciação da moeda brasileira até que se atingissem os patamares do dólar vigentes no começo do governo Lula, mas de um câmbio relativamente competitivo e, sobretudo, estável. Portanto, se a cotação do dólar parasse de cair, ou mesmo rompesse a casa dos R\$ 2,00, a economia mundial, por seu dinamismo, já poderia alavancar as exportações. O trabalho da política econômica, nesse contexto, é não atrapalhar as externalidades positivas da economia global na atividade exportadora brasileira.

3. Rentabilidade por setor exportador

No setor exportador de *commodities*, o crescimento das exportações foi menor em reais do que em dólares. Entretanto, em muitos casos as receitas em reais não chegaram a ser negativas por consequência do aumento do *quantum* das exportações e dos preços em dólares. Esse argumento se fundamenta ao analisar o comportamento da pauta exportadora de produtos como café e ferro e aço, que nos últimos vinte e quatro meses, tiveram aumentos nos preços em dólares de 12,10% e 27,75% respectivamente, contra 2,97% e 17,24% em reais.

Entretanto, *commodities* como o etanol e açúcar, onde os preços em dólares sofreram quedas de 5,1% e 12,63%, respectivamente, a queda na rentabilidade foi mais fortemente sentida, com quedas dos preços em reais de 12,52% e 19,46%. Assim, embora as receitas das exportações de etanol tenham crescido em dólares, saindo de US\$ 1,47 para US\$ 1,56 bilhão nos últimos vinte e quatro meses, com a valorização cambial, as receitas em reais caíram de R\$ 3,21 para R\$ 3,13 bilhões – uma perda de R\$ 77 milhões.

No caso do açúcar, a contradição entre o aumento das receitas em dólares e as perdas em reais é ainda mais nítida. Enquanto as receitas de exportação, em dólares, aumentaram US\$ 173 milhões (saindo de US\$ 5,51 para 5,6 bilhões), as receitas em reais sofreram perdas de R\$ 592 milhões (caindo de US\$ 12,06 para R\$ 11,47 bilhões).

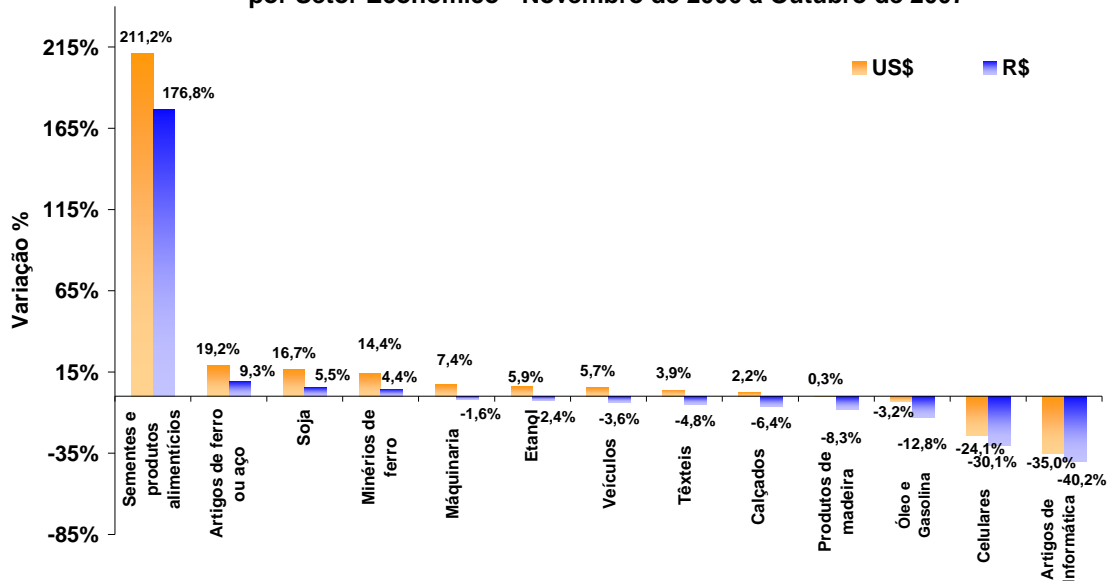
As perdas nas exportações de óleo e gasolina foram umas das mais significativas, tanto em reais, como em dólares: cerca de R\$ 1,1 bilhão e US\$ 126 milhões. Pesou nesse resultado a redução do *quantum* exportado da ordem de 13,6%, muito embora o setor ainda tenha contado com uma elevação de 12,1% nos preços internacionais

Nas exportações de produtos diferenciados, a valorização do real frente ao dólar também trouxe impactos negativos. Em produtos como veículos, têxteis e calçados, a variação das receitas de exportação em dólares não chegou a 6,0%. Embora se verifiquem aumentos nos preços internacionais destes produtos, quando se observa a evolução das receitas de exportação em reais, essas variações atingiram quedas de 3,6% para os fabricantes de veículos, 4,8% para as indústrias de têxteis e 6,4% para os calçados. Juntos, estes setores amargaram perdas de mais de R\$ 1,3 bilhão de reais em relação ao ano passado, sendo R\$ 969,0 milhões somente para o segmento de veículos.

Contudo, nenhum setor apresentou mais perdas em suas receitas do que o setor de celulares, que somente nos últimos vinte e quatro meses amargou uma perda de R\$ 1,9 bilhão. Essa perda, porém, foi resultado não somente da valorização cambial a qual a economia brasileira está submetida, mas da queda de 7,6% no *quantum* exportado, o qual, por sua vez, pode ser um reflexo do câmbio. Soma-se, a este fator, a deflação de 17,86% nos preços internacionais do produto ocorrida nos últimos dois anos, provavelmente devido ao efeito das exportações chinesas no setor.

No balanço dos últimos vinte e quatro meses, 17 setores exportadores – de um total de 49 – sofreram reduções dos preços em reais, contra apenas 6 que verificaram reduções nos preços em dólares. Isto significa que a valorização cambial, nesses casos, foi mais do que suficiente para compensar a elevação dos preços internacionais, fazendo com que, a despeito do excelente momento da economia internacional, houvesse perda de rentabilidade para o exportador brasileiro.

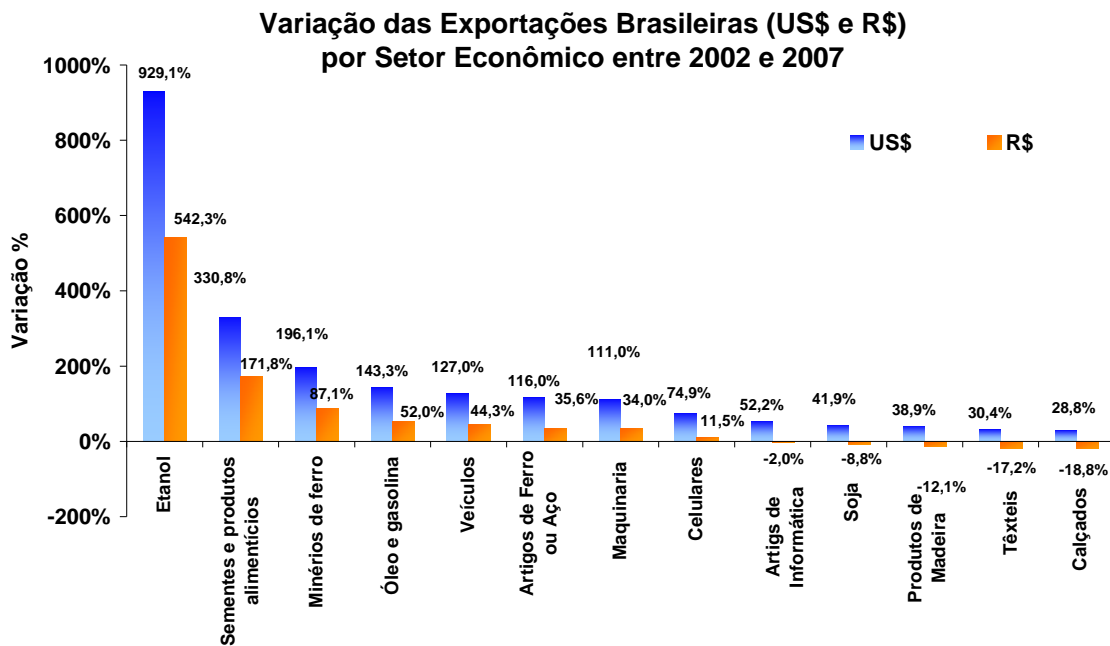
**Varição das Exportações Brasileiras (US\$ e R\$)
por Setor Econômico - Novembro de 2006 à Outubro de 2007**



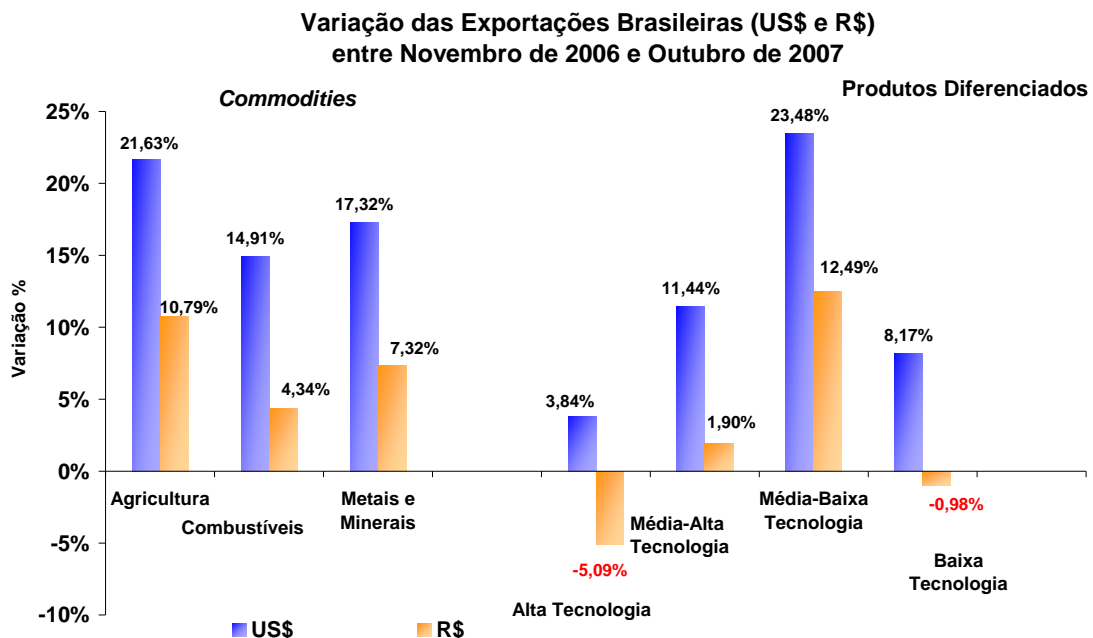
Ao analisarmos os mesmos setores, no período 2002/2007, os impactos ocasionados pela taxa de câmbio são ainda mais expressivos. *Commodities* como o etanol e as sementes e produtos alimentícios, tiveram nos últimos cinco anos um aumento significativo nas exportações em dólares, de respectivamente 929,1% e 330,8%, porém o mesmo não acontece em reais, onde o aumento da rentabilidade reduz-se pela metade: 542,3% para o etanol e 171,8% para as indústrias de sementes e produtos alimentícios.

Em comparação com o ano de 2002, o item óleo e gasolina, aumentou suas exportações 143,3% em dólares e 52,0% em reais, de forma que o setor teve um aumento das receitas de R\$ 2,6 bilhões no período. Para a soja, onde o aumento da exportação foi de 41,9% na moeda norte-americana, a queda em reais foi de 8,8%, indicando uma perda de R\$ 2,1 bilhões. Este foi um dos principais itens, da categoria de *commodities*, a ter uma receita negativa no período citado.

No setor exportador de produtos diferenciados, os setores calçadista, têxtil e de produtos de madeira sofreram perdas de, respectivamente, 18,8%, 17,2% e 12,1% nas receitas de exportação medidas em reais, no período 2002 a 2007. Esses setores, porém, tiveram aumentos nas exportações medidas em dólares de 28,8%, 30,4% e 38,9%, respectivamente. A indústria de veículos, que nos últimos vinte e quatro meses sofreu perdas nas receitas de exportação em moeda nacional, na avaliação de 2002/2007 não apresentou receitas negativas: o aumento das receitas de exportação foi de 44,3% em reais contra 127,0% em dólar.

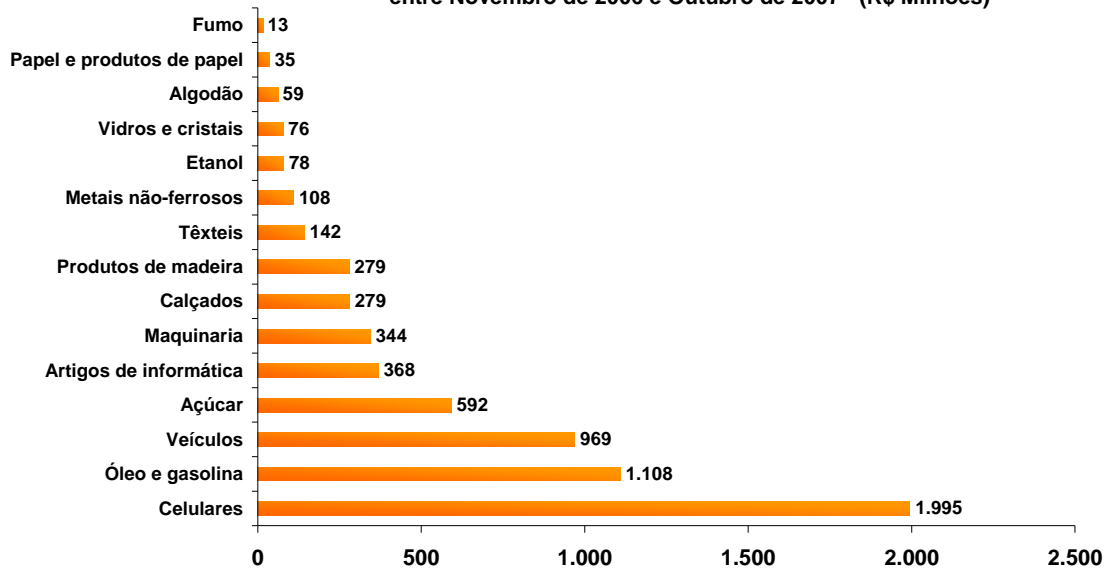


A queda na taxa de câmbio teve impactos negativos em dois extremos da indústria brasileira: nas exportações de alta e de baixa tecnologia – ao passo que os setores com intensidade tecnológica mediana foram menos atingidos. No caso dos produtos de alta tecnologia, houve aumento de 3,84% das vendas em dólares e queda de 5,09% nas vendas em reais, resultando em uma perda de mais de R\$ 1,0 bilhão. O setor de baixa tecnologia cresceu 8,17% nas vendas em moeda norte-americana, contra uma redução de 0,98% nas vendas em reais.



No mercado de *commodities*, o aumento na demanda por bens como grãos, etanol e combustíveis alavancou as quantidades e os preços em dólares, fato que atenuou consideravelmente as perdas cambiais.

**Perdas de Receita nas Exportações Brasileiras
entre Novembro de 2006 e Outubro de 2007 - (R\$ Milhões)**



	11/2002 à 10/2003		11/2005 à 10/2006		11/2006 à 10/2007		2007/2006		2002/2007	
	Preço US\$	Preço R\$	Preço US\$	Preço R\$	Preço US\$	Preço R\$	Preço US\$	Preço R\$	Preço US\$	Preço R\$
COMMODITIES										
Agricultura	0,3	1,0	0,5	1,0	0,5	1,0	10,23%	0,40%	50,07%	-4,42%
Açúcar	0,2	0,5	0,3	0,7	0,3	0,6	-12,63%	-19,46%	66,93%	7,09%
Algodão	0,9	2,8	1,1	2,4	1,2	2,3	4,52%	-5,88%	30,04%	-16,95%
Alimentos Processados	1,0	3,3	1,1	2,4	1,3	2,6	16,07%	5,62%	22,66%	-22,52%
Bebidas	0,7	2,1	1,0	2,2	1,2	2,5	22,80%	11,80%	81,82%	14,91%
Café	1,0	3,3	2,1	4,7	2,4	4,8	12,10%	2,97%	134,46%	47,05%
Carne bovina	1,8	5,6	2,6	5,6	2,7	5,4	4,27%	-4,58%	51,19%	-4,30%
Carne de frango	0,9	2,8	1,2	2,7	1,4	2,8	14,36%	4,18%	57,26%	-0,54%
Carne suína	1,1	3,3	1,9	4,3	1,9	3,9	-0,19%	-8,68%	85,02%	17,45%
Soja	0,2	0,7	0,2	0,5	0,3	0,6	22,42%	10,61%	29,42%	-16,81%
Etanol	0,3	0,8	0,6	1,2	0,5	1,1	-5,07%	-12,52%	110,96%	31,68%
Fumo	2,3	6,9	3,1	6,8	3,2	6,2	1,71%	-8,95%	39,99%	-10,73%
Madeiras (hard & soft)	0,3	0,8	0,4	0,9	0,4	0,9	10,73%	1,41%	70,48%	7,65%
Outros Agrícolas	0,3	1,1	0,5	1,1	0,6	1,2	18,59%	7,49%	84,34%	15,34%
Polpa de madeira	0,4	1,2	0,4	0,9	0,4	0,9	12,26%	2,58%	16,92%	-26,10%
Sementes e produtos alimentícios	0,1	0,4	0,1	0,3	0,2	0,3	29,92%	15,54%	54,92%	-2,24%
Suco de laranja	0,8	2,4	0,8	1,7	1,1	2,1	40,02%	28,30%	41,63%	-11,06%
Combustíveis	0,2	0,6	0,4	0,8	0,4	0,8	3,24%	-6,26%	118,70%	36,22%
Óleo e gasolina	0,2	0,6	0,4	0,8	0,4	0,8	12,07%	0,97%	121,47%	38,38%
Outros combustíveis	0,2	0,5	0,3	0,6	0,4	0,7	26,87%	15,14%	129,96%	41,94%
Petróleo, cru	0,2	0,5	0,4	0,8	0,4	0,7	-0,33%	-9,16%	123,02%	38,28%
Metais e Minerais	0,1	0,2	0,1	0,2	0,1	0,2	11,23%	1,75%	83,97%	16,51%
Ferro e aço	0,3	0,8	0,4	1,0	0,6	1,1	27,75%	17,24%	113,21%	35,51%
Metais não-ferrosos	1,4	4,4	2,4	5,2	2,7	5,4	13,29%	3,92%	93,28%	22,45%
Minérios de ferro	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1	6,94%	-2,41%	100,80%	26,90%
Outros minerais e metais	0,1	0,4	0,3	0,6	0,4	0,7	38,14%	25,85%	170,23%	69,99%
Óxido de alumínio	0,2	0,5	0,3	0,7	0,3	0,7	8,31%	-0,39%	96,61%	27,12%
Total de Commodities	0,6	1,8	0,9	2,0	1,0	1,9	7,47%	-2,19%	74,70%	10,42%
PRODUTOS DIFERENCIADOS										
Alta Tecnologia	42,1	134,4	66,7	146,3	80,9	162,2	21,26%	10,83%	91,98%	20,62%
Aparelhos transmissores de rádio e telefone	314,7	994,4	235,0	513,7	193,0	389,0	-17,86%	-24,29%	-38,67%	-60,89%
Artigos de informática	12,9	40,4	25,8	56,7	31,1	62,7	20,26%	10,68%	141,14%	55,22%
Aviões	1.412,0	4.563,2	1.250,2	2.753,1	1.167,3	2.333,1	-6,63%	-15,26%	-17,33%	-48,87%
Outros de Alta Tecnologia	15,5	49,2	26,5	58,2	33,6	67,3	26,63%	15,80%	116,95%	36,94%
Produtos farmacêuticos	18,6	58,8	20,0	43,8	22,4	44,9	11,88%	2,44%	20,20%	-23,77%
Média-Alta Tecnologia	2,1	6,7	3,2	7,0	3,4	6,8	7,40%	-1,80%	62,00%	2,77%
Maquinaria e dispositivos mecânicos	4,5	14,3	5,9	12,8	6,3	12,7	8,26%	-0,82%	39,62%	-11,30%
Outros de Média-Alta Tecnologia	1,7	5,3	2,3	5,0	2,6	5,3	14,53%	4,60%	56,46%	-1,30%
Polímeros	0,7	2,3	1,3	2,9	1,4	2,8	6,66%	-2,10%	92,58%	22,74%
Químicos inorgânicos	0,6	1,9	0,8	1,7	1,1	2,2	40,97%	28,90%	84,74%	16,85%
Químicos orgânicos	0,6	2,0	1,0	2,2	1,2	2,3	16,08%	6,28%	84,40%	16,35%
Veículos, exceto ferroviários	4,9	15,6	6,3	13,8	6,8	13,5	7,38%	-2,01%	36,90%	-12,97%
Média-Baixa Tecnologia	0,9	2,8	1,1	2,5	1,3	2,6	16,15%	5,81%	44,47%	-8,87%
Artigos de ferro ou aço	1,0	3,3	1,7	3,8	2,0	4,1	16,97%	7,24%	97,56%	24,02%
Borracha e seus produtos	2,5	8,0	3,4	7,4	3,9	7,8	15,68%	5,39%	54,87%	-2,28%
Jóias e metais preciosos	18,3	58,1	38,3	83,9	47,6	95,7	24,42%	13,96%	160,69%	64,56%
Metais básicos e seus produtos	5,7	18,0	7,8	17,0	9,4	18,9	21,37%	11,28%	65,05%	5,14%
Outros de Média-Baixa Tecnologia	0,4	1,3	0,5	1,0	0,7	1,3	39,91%	24,36%	60,13%	-0,61%
Plásticos e seus produtos	2,7	8,5	3,2	6,9	3,5	7,0	11,12%	1,70%	30,03%	-17,17%
Produtos cerâmicos; vidros e cristais	0,4	1,3	0,5	1,2	0,6	1,2	11,34%	1,88%	42,27%	-9,58%
Baixa Tecnologia	0,8	2,5	1,1	2,4	1,2	2,4	6,43%	-2,57%	46,17%	-7,64%
Artigos manufaturados variados	1,4	4,3	1,8	4,0	1,8	3,6	0,21%	-8,32%	31,74%	-16,48%
Calçados	13,7	43,8	19,1	41,9	20,6	41,3	7,56%	-1,50%	49,56%	-5,69%
Couros e peles	4,3	13,6	4,6	10,1	5,5	11,0	19,11%	9,42%	29,08%	-18,60%
Outros de Baixa Tecnologia	3,7	11,8	4,4	9,7	5,4	10,8	21,63%	11,38%	44,31%	-8,15%
Papel e produtos de papel	0,3	1,1	0,6	1,2	0,6	1,2	3,46%	-5,45%	71,35%	8,07%
Produtos de madeira	0,5	1,6	0,7	1,5	0,8	1,5	13,38%	3,71%	50,55%	-4,74%
Têxteis	3,6	11,2	4,4	9,6	4,6	9,3	4,97%	-3,84%	29,72%	-17,67%
Total Produtos Diferenciados	47,4	151,1	73,3	160,8	88,0	176,4	19,98%	9,67%	85,63%	16,74%
Total das Exportações	0,2	0,7	0,3	1,2	0,3	0,7	8,33%	-40,53%	55,53%	-1,48%

4. Conclusões

- Nos últimos 60 meses, de novembro de 2002 à 2007, as exportações brasileiras cresceram 121% em dólares, mas o aumento do *quantum* exportado foi da ordem de 42,1%. Nesse ínterim, observamos os preços em reais caírem 1,5%, ao passo que os preços em dólares apresentaram uma inflação de 55,5%.
- Embora as exportações de outubro de 2007 tenham atingido US\$ 15,76 bilhões – um recorde das exportações mensais brasileiras – as receitas em reais atingiram R\$ 28,38 bilhões, uma receita menor do a de junho de 2004, quando as exportações foram de R\$ 29,24 bilhões e US\$ 9,4 bilhões. Em outras palavras, as exportações mensais aumentaram US\$ 6,42 bilhões (68,74% de crescimento), mas as receitas em reais foram praticamente equivalentes àquelas obtidas 41 meses antes.
- As receitas de exportação do setor de produtos diferenciados foram os mais afetados pelas oscilações cambiais, com ênfase para as indústrias de bens de alta tecnologia, que nos últimos doze meses sofreu uma queda de 5,09% da renda exportada. Isto significou uma perda de R\$ 1,0 bilhão, comparado com o mesmo período de 2006.
- No setor de produtos diferenciados, os segmentos veículos, têxteis e calçados, foram os mais afetados. Juntos, estes setores amargaram perdas de mais de R\$ 1,3 bilhão de reais em relação ao ano passado, sendo R\$ 969,0 milhões somente para o segmento de veículos.
- Nos últimos dois anos, *commodities* como o etanol e açúcar, onde os preços em dólares caíram de 5,7% e 12,63%, respectivamente, a queda na rentabilidade foi mais fortemente sentida, com quedas nos preços de exportação, em reais, de 12,52% e 19,46%.
- No caso do açúcar, a contradição entre o aumento das receitas em dólares e as perdas em reais é ainda mais nítida. Enquanto as receitas de exportação, em dólares, aumentaram US\$ 173 milhões (saindo de US\$ 5,51 para US\$ 5,68 bilhões), as receitas em reais sofreram perdas de R\$ 592 milhões (caindo de R\$ 12,06 para R\$ 11,47 bilhões).
- No balanço dos últimos vinte e quatro meses, 17 setores exportadores – de um total de 49 – sofreram reduções dos preços em reais, contra apenas 6 que verificaram reduções nos preços em dólares.
- Em um exercício de simulação, calcula-se que, se a taxa de câmbio tivesse se mantido estável ao redor de R\$ 2,50, hoje o exportador brasileiro teria se beneficiado de um aumento de 18% no preço em reais de seus produtos em 36 meses, ao invés da queda de 5% do preço das exportações em reais. Nesse cenário, é provável que, hoje, a taxa de expansão das exportações teria se mantido ao redor de 22%, e não nos atuais 16% ao ano.